

Oseias e Lucas: aproximações teológicas e hermenêuticas

Emanuel Messias Almeida¹

Resumo: O dado relacional é constitutivo de quem seja o ser humano. Relacionar-se com o outro, entretanto, envolve a possibilidade de erros e acertos. Para que seja possível um verdadeiro relacionamento é preciso compreender quem o outro é de fato. No campo religioso isso se manifesta quando as pessoas, equivocadamente, dissociam o Deus do Antigo Testamento do Deus do Novo Testamento. Não conseguindo perceber que se trata do mesmo Deus. Entretanto, a interpretação hermenêutica do livro de Oseias e do Evangelho segundo Lucas é via de possibilidade para um desvencilhamento desse equívoco.

Palavras-chave: Lucas. Oseias. Compaixão. Relação. Fraternidade.

Abstract: The relational fact is constitutive of who a human being is. Relating to others, however, involves the possibility of mistakes and successes. For a true relationship to be possible, it is necessary to understand who the other person really is. In the religious field, this manifests itself when people mistakenly dissociate the God of the Old Testament from the God of the New Testament. They fail to realize that they are dealing with the same God. However, the hermeneutic interpretation of the book of Hosea and the Gospel according to Luke is a possible way out of this misunderstanding.

Keywords: Luke. Hosea. Compassion. Relationship. Fraternity.

INTRODUÇÃO

Não é possível negligenciar o dado de que o ser humano é ser-em-relação. É por via do contato com o outro na alteridade, seja ela uma outra pessoa, um objeto ou mesmo uma ideia, que sua individualidade é delimitada, suas idiossincrasias são definidas e ele consegue se afirmar como um ser único e irrepetível. Mas, querendo ou não, dentro da gama das relações, algumas não se baseiam na verdade que o outro é. São construídas tendo como base uma ideia errônea do que o outro seja, não existindo uma correspondência fidedigna entre aquilo que corresponde de fato ao existente e aquilo que é, por via de uma não verdadeira experiência com ele, construído como ideia do que seja. São várias as situações humanas em que isso acontece. Destacam-se, por exemplo, os relacionamentos amorosos, os vínculos empregatícios e até mesmo a relação indivíduo-academia. A pessoa pode não frequentar uma academia de musculação porque, ao entrar em contato com vários posts no feed do Instagram, internalizou que são somente pessoas exibicionistas e vaidosas que frequentam

¹ Graduado em Filosofia pela USP, graduando em Teologia pela FAJE. Pesquisa realizada como bolsista FAPEMIG do programa de Iniciação Científica da FAJE, sob orientação do professor Dr. Jaldemir Vítório, com coorientação do professor Franklin Alves Pereira, inserida no projeto Tradições teológicas do Novo Testamento. E-mail: emessiasalmeida@gmail.com

tal ambiente e não estão preocupadas com a saúde física em si, mas em somente ter um físico que ao ser visto pela sociedade seja considerado bonito.

Porém, tal pessoa não teve uma visão completa do que é de fato o ambiente e a realidade. Não conseguindo perceber que existem, de fato, pessoas que estão preocupadas somente com o físico, mas que existem, em número muito maior, outras que estão em busca da saúde e do bem-estar que a frequência assídua à academia propicia. Construiu-se, assim, via relação pessoa-ideia, uma imagem distorcida daquilo que seja o “objeto”. O caráter figurativo deste exemplo deixa de sê-lo figurativo ao perceber-se que é assim que as relações humanas acontecem. Podendo ser construídas tendo como base uma ideia verdadeira e fidedigna do que o outro seja ou uma ideia errada e distante do que é a realidade.

Na mesma perspectiva, falar acerca de Deus na atualidade é, não negligenciando tal dado relacional inerente ao ser humano, ou seja, não negando o dado antropológico constitutivo das relações, questionar-se acerca de qual seja a imagem de Deus concebida pelas pessoas e qual sua implicação vivencial. Envolvendo questões soteriológicas e cristológicas, a afirmativa sobre a imagem figurativa concebida pelas pessoas a respeito de Deus tem implicância pastoral e social porque coloca em pauta a maneira como a pessoa vive. A expressão religiosa e postural-cívica frente à realidade, de certa maneira, corresponderá ou, no mínimo, se relacionará à compreensão que o indivíduo tem acerca das relações divindade-ser humano.

A leitura de Deus como um ser distante, punitivo e controlador influenciará em uma vivência não muito encarnada da fé e que está mais preocupada com tudo aquilo que diz respeito ao pecado e a culpa. Ao passo que a leitura de Deus como mais amoroso e justo apontará para o lado de uma experiência de fé mais relacional, preocupada com o outro e não pautada, apenas, na dimensão soteriológica do dado religioso.

A questão, nesse sentido, não é mais a preocupação se um Deus punitivo irá ou não me salvar, mas se esse Deus se relaciona comigo. Há uma passagem da justiça soteriológica punitiva para o imerecido e obstinado ágape-buscante.

Na área da teologia sistemática, mais especificamente no campo das fontes bíblicas da tradição cristã, a questão se coloca nos termos de que o Deus do Antigo Testamento seja, talvez, diferente do Deus do Novo Testamento. Como afirma Jaldemir Vitório, em seu artigo *Israel era menino, eu o amei: o coração de Deus em busca do pecador, no profeta Oseias*, “um equívoco comum entre pessoas de fé consiste em identificar o Deus do Antigo Testamento como o Deus do castigo e da vingança, contrapondo-o ao Deus de Jesus Cristo, o Deus da misericórdia e do perdão” (VITÓRIO, 2016, p.51). Tem-se o impulso, dentro de uma leitura apressada, superficial ou até mesmo fundamentalista dos textos bíblicos, de abraçar a imagem distorcida do Deus do Antigo testamento como cruel e vingativo. Ou seja, muito distante e diferente do Deus apresentado por Jesus. Que se afigura como mais compassivo e próximo da humanidade. Porém, tal compreensão negligencia a nuance fundamental de que o as raízes da teologia neotestamentária se encontram presentes nos escritos veterotestamentários. Jesus não buscou falar de um Deus distinto do que já estava inerente na fé judaica e expresso nos

escritos do Antigo Testamento. Apenas, “mostrou-se capaz de retomar, com radicalidade, a teologia da tradição de seu povo e chegar a seus fundamentos, numa profundidade até então desconhecida” (VITÓRIO, 2016, p.51).

Intensificando a compreensão de determinados aspectos esquecidos e deixados de lado pela religiosidade daquele momento histórico e social, a personagem Jesus conseguiu reapresentar, de forma inovadora e com linguagem própria, alguns elementos constitutivos do ser de Deus da fé judaica e que não estavam claros até aquele momento.

Falar em uma nova hermenêutica é afirmar comunhão. É dizer que aquilo que está sendo colocado em pauta e apresentado no hoje já estava presente no ontem. É dizer que a teologia do Novo Testamento é devedora dos escritos veterotestamentários. É claro que as inovações trazidas pela fala de Jesus não são negadas, mas apenas se ressalta que sua experiência de fé bebeu de uma fonte e sua compreensão da imagem de Deus reflete tal fonte.

Neste sentido, a chamada “teologia bíblica da misericórdia” é o aspecto teológico central que faz a ligação entre Antigo e Novo Testamento. Tão presente na redação neotestamentária, especialmente nos escritos lucanos, ela, como é objetivo deste artigo elucidar e comprovar, “constitui-se ao longo dos tempos, na literatura veterotestamentária” (VITÓRIO, 2016, p.51).

O capítulo 15 do evangelho segundo Lucas e o livro do profeta Oséias são textos que se bem lidos e interpretados oferecem indicações claras de que esta relação acontece e de que, de fato, o rosto compassivo de Deus, tão representativo dos escritos neotestamentários, já estava presente no Antigo Testamento. A própria análise, dentro dos textos, da presença dos conceitos bíblicos de *hesed* e *rahamim*, utilizados no campo bíblico para referir-se à compaixão, apontam também para uma possível comunhão semântica e não só temática.

1 EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

O capítulo 15 do evangelho segundo Lucas inicia-se com um enquadramento intradiagético que situa o leitor dentro da realidade descrita pelo autor. No primeiro e segundo versículos a afirmativa, descritiva e situacional, delineia que: “todos os publicanos e pecadores aproximavam-se para ouvi-lo. Os fariseus e escribas, porém, murmuravam” (Lc 15,1-2).

Na ambiência cênica tem-se como personagens principais Jesus, os publicanos e pecadores e os fariseus e escribas. Jesus é aquele que dirige a palavra; contudo, haja vista que se tem estabelecido ali dois grupos de interlocutores distintos, seu campo de diálogo não é homogêneo, mas, pelo contrário, bastante heterogêneo. Nesse cenário é possível observar a presença de dois movimentos por parte das demais personagens com relação à figura e presença de Jesus.

Tem-se um movimento de aproximação visando ouvir aquilo que Jesus tem a transmitir e uma murmuração não acompanhada de qualquer gesto que indique um ato de abertura ou proximidade. Elas são encarnadas, respectivamente, pelos publicanos e pecadores e

pelos fariseus e escribas. Ouvir e murmurar indicam movimentos distintos e posturas opostas frente à fala de Jesus. Publicanos e pecadores ao se aproximarem de Jesus para ouvi-lo sinalizam, para além de uma humildade, uma abertura à pessoa que fala e ao que é dito. Eles não se aproximaram de Jesus na intenção de colocá-lo à prova como tantas vezes os fariseus fizeram. Mas com a intenção de ouvi-lo. Já os fariseus e escribas não executaram semelhante movimento de aproximação, mas murmuravam. Segundo Eloy e Silva:

O murmurar, verbo quase onomatopeico, em latim e nas línguas neolatinas, marcado pela repetição de “mur+mur” em português, francês e espanhol e “mor+mor” em italiano traz na repetição a presença de sílabas iniciadas pela letra m, consoante muito expressiva neste caso. Expressiva pois sonora mesmo quando emitida com os lábios cerrados, quase a indicar uma não-fala ou ausência do *logos* claramente expresso (ELOY E SILVA, 2016, p.276).

A própria escolha do verbo empregado pelo evangelista reflete sua intenção em deixar claro para seu leitor que o murmurar dos fariseus e escribas é a expressão, deliberada intencionalmente por parte deles e, por conseguinte, da não abertura para qualquer diálogo.

Frente a tal movimento há uma proposta parabólica: “[Jesus] contou-lhes, então, esta parábola” (Lc15,3). O *esta*, que na língua portuguesa é um pronome demonstrativo feminino singular, aponta para a ideia de que as três narrativas que se seguem, a da ovelha perdida, a da dracma perdida e a do filho pródigo, concedem forma a uma única parábola e não três.

A unidade temática e as relações intratextuais estabelecidas corroboram com a ideia de que não se trata somente de um estilo literário empregado pelo autor, mas que, de fato, ele visava construir uma unidade temática e narrativa. Construindo o capítulo 15 como uma única parábola, mas composta por três cenas distintas. Sendo a do filho pródigo o cume da narrativa textual; o clímax com o verbo perder como plano de fundo presente nas três cenas.

A presença de uma estrutura perda-encontro está presente no capítulo 15 de Lucas, destaca-se além disso que nesse sentido “o verbo perder (*apollymi*) é repetido constantemente (oito vezes do começo ao fim de Lucas 15, 3-32)” (GOURGES, 2005, p. 114). Além de uma repetição estilística, o uso do verbo perder (*apollymi*) tem também um caráter de reforçar a ideia de um parentesco em três cenas distintas.

1.1 O PASTOR E A DONA DE CASA

Tem-se, na primeira cena, a figura masculina de um pastor que tendo uma das suas cem ovelhas se perdido vai procurá-la, a encontra e compartilha da alegria do encontro com seus amigos. Já na segunda cena é presente a figura feminina de uma dona de casa que perde uma moeda, acendendo uma lâmpada e varrendo a casa procura-a cuidadosamente até encontrá-la. Também compartilhando, com suas amigas, da alegria gerada por ter achado o que estava perdido.

Nas duas cenas encontram-se presentes as temáticas da perda, do encontro e da alegria, haja vista que tanto o pastor como a mulher têm algo perdido e fazem o movimento da procura. E que ambos compartilham com os seus amigos da alegria de terem encontrado o que estavam procurando.

As diferenças encontram-se nas nuances da narrativa. Enquanto a primeira se reporta a um imaginário masculino, a segunda refere-se ao feminino. A segunda é mais detalhista ao afirmar que a mulher “acende a lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente” (Lc 15,8). Ao passo que, acerca do pastor, a narrativa se contenta em afirmar que ele tendo perdido uma das suas cem ovelhas, deixa as outras noventa e nove no campo e vai em busca daquela que se perdeu. Não entrando em grandes detalhes, como foi o caso da moeda perdida, acerca dos pormenores dessa procura. E, por fim, a proporção é muito diferente. Uma de cem ovelhas representa 1% e uma de dez moedas representa 10% do total. Contudo, mesmo com proporções diferentes, tanto a mulher como o pastor se colocaram à procura do que estava perdido. O valor daquilo que se perdeu, independentemente se representa 1% ou 10% da totalidade do que a pessoa possui, continua sendo o mesmo. É justamente por isso que a alegria do reencontro é inerente nas duas cenas.

1.2 O PAI MISERICORDIOSO

A narrativa do filho pródigo é construída com a história de um pai que tinha dois filhos e o mais novo decide pedir a parte da herança que lhe cabe e partir para uma terra distante. Na vivência de sua história, longe da casa paterna, ele acaba dissipando seus bens de forma desregrada e termina por cair na miséria. Encontrando-se em um estado de vida deplorável, ele recorda-se de que na casa de seu pai até os empregados são tratados de forma mais digna do que ele tem sido tratado. Então, decide retomar para casa e dizê-lo: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como um dos teus empregados” (Lc 15,18-19).

Ele retorna para casa e nessa parte a narrativa sofre uma mudança significativa porque os verbos que antes se referiam às atitudes do filho passam agora a referir-se às atitudes do Pai. O sujeito da ação deixa de ser o filho e passa a ser o Pai. É ele que, ainda de longe, vê o filho, enche-se de compaixão, corre ao seu encontro, cobre-o de beijos e lhe dirige a palavra. “Diante da sucessão de movimentos que envolvem o pai, o filho permanece silente. Silente porque talvez diante do gesto do pai ele é visitado pelo mistério do que significa o verdadeiro amor” (ELOY E SILVA, 2016, p.281).

No momento do encontro, assim que o filho mais novo tem a possibilidade de verbalizar algo para seu pai, ele traz em questão seu arrependimento: “Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho” (Lc 15,21). Frente à fala de seu filho que se colocava pedindo seu perdão, o pai não toma para si uma posição distante e julgadora, mas, ao contrário, o acolhe e pede aos seus empregados que lhe tragam a melhor túnica, lhe

coloquem um anel e preparem um novilho cevado para festejarem, pois, “este meu filho estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi reencontrado” (Lc 15,24).

Como afirma Eloy e Silva: “A cena poderia terminar aqui, mas a narrativa introduz magistralmente um *inciting moment*, uma nova tensão na trama do cenário. O filho mais velho que, até então era somente um componente secundário do cenário, passa ao primeiro plano” (ELOY E SILVA, 2016, p.282). Ele é aquele filho que permaneceu o tempo todo na casa do pai e não deixou de estar presente e colaborar em todas as atividades próprias do lugar. Representativo, dentro da dinâmica dos interlocutores de Jesus nesse momento, pelos fariseus e escribas, que, de certa forma, permaneciam dentro de casa ao representarem para a sociedade daquele momento o poder religioso e por sempre estarem envolvidos com atividades ligadas ao templo e à religião judaica.

Esse filho mais velho voltando do campo, pois estava trabalhando, acaba por deparar-se, ao chegar em casa, com a agitação gerada pela comemoração do retorno de seu irmão. Ele, sem saber ainda o que se passava, pergunta a um dos empregados o que estava acontecendo. Tomando ciência de que a celebração era devido à volta de seu irmão, ele, sentindo-se injustiçado, se recusa a entrar na casa. Pensara consigo: como era possível! trabalhara a vida toda e seu pai nunca lhe dera nem um cabrito para festejar com seus amigos e agora que seu irmão, que sempre esteve fora, não colaborava com a casa e esbanjara todos os seus bens, voltara seu pai mata para ele um novilho cevado! Isso era, segundo sua compreensão, no mínimo uma grande injustiça. O pai, na tentativa de fazer com que ele mudasse de ideia e entrasse para a festejar a volta do seu irmão, sai ao seu encontro e dialoga com ele. Mas ele, como sinônimo de murmuração, responde: “Há tantos anos que te sirvo, e jamais transgredi um só dos teus mandamentos, e nunca me deste um cabrito para festejar com meus amigos. Contudo, veio esse teu filho, que devorou teus bens com prostitutas, e para ele matas o novilho cevado!” (Lc 15,29-30). A narrativa termina com o pai explicando o motivo da comemoração. Pois o filho mais velho estava sempre ao seu lado. Já o filho mais novo estava perdido e foi encontrado.

O encontro do que estava perdido merece, segundo o pai, a comemoração. Contudo, a trama termina por ficar sem deixar esclarecida qual foi a decisão tomada pelo filho mais velho. Se ele resolveu entrar para dentro da casa, participar da festa e comemorar a volta de seu irmão, ou se permaneceu do lado de fora da casa, indignado com tudo o que estava acontecendo e sem conseguir partilhar da alegria do encontro.

Talvez a intenção do evangelista, ao encerrar a parábola de Jesus sem um desfecho, seja o de correlacionar as figuras do filho mais velho e do filho mais novo, respectivamente, com os fariseus e escribas e os publicanos e pecadores. Cabendo o desfecho final da parábola, dentro desta perspectiva, à reação, frente à fala de Jesus, de cada uma das partes ouvintes. Os fariseus e escribas podem ou não deixar a atitude de fechamento, representada pelo murmurar, e se aproximarem da fala de Jesus. Diante deles há a festa e o convite, caberá a eles, assim como coube ao filho mais velho, a decisão de se aproximar ou não.

Se sobressaem como elementos importantes da narrativa o fato de que ambos os filhos “apresentam um distanciamento da identidade filial, ainda que momentâneo, ainda que marcado pelo arrependimento de um ou a indignação do outro” (ELOY E SILVA, 2016, p.283). Nenhum dos dois tem uma visão íntegra do pai. Ao não compreenderem plenamente quem é o pai, eles não conseguem se ver como irmãos. O filho mais velho, por exemplo, ao referir-se ao filho mais novo não o chama de irmão, mas de “este teu filho”. Recebendo a resposta de seu pai que se trata “do seu irmão”. O laço fraterno da irmandade é frágil ou quase não existe na medida em que ambos os filhos têm uma visão incompleta de quem seja, de fato, o pai deles. Não conseguiram ver de forma plena a essência do pai. “Por detrás do rosto deles, a efígie fragmentada da filiação, tanto de um quanto de outro, cuja identidade torna-se-lhes obscura por não reconhecerem sua origem, o rosto do pai” (ELOY E SILVA, 2016, p.285). Ele é aquele que se faz próximo e manifesta-se como aquele que é capaz de ter compaixão. Se aproxima e acolhe o filho mais novo que estava longe e abraça também o filho mais velho que, mesmo estando o tempo todo ao seu lado, ainda não havia estabelecido com ele um laço profundo de filiação.

Tendo uma visão da integralidade do décimo quinto capítulo de Lucas se sobressai, por exemplo, o fato de que a ovelha, assim como o filho mais novo, se perdeu fora de casa e que a moeda, assim como o filho mais velho, se perdeu dentro da casa do pai. É o que acontece também como os interlocutores de Jesus, apresentados no início do capítulo. Os publicanos e pecadores representam aqueles que eram considerados como fora da religião e em situação de impureza, ou seja, que estavam fora e distante da casa paterna e os fariseus e escribas, tidos como os religiosos e que sempre estavam por dentro do dado religioso, ou seja, como o filho mais velho, estavam dentro da casa do pai, mas ainda não haviam compreendido quem era de fato o pai e qual era o seu rosto. Ambos os grupos, como os dois filhos, apresentam uma visão errônea de quem seja Deus e, conseqüentemente, não conseguem se ver como irmãos, ou seja, como filhos do mesmo pai. As atitudes também são semelhantes: os pecadores e publicanos, como o filho mais novo, aproximam-se do pai com certa humildade e os fariseus e escribas, como o filho mais velho, apenas murmuram e não aceitam a atitude tomada pelo pai.

2 OSEIAS

Há quem leia Lucas 15 com olhares de novidade. Como se na parábola de Jesus houvesse um novo *modus revelandi* de Deus. Essa leitura desconsidera o fato de que embora Jesus ressignifique muitos dos textos veterotestamentários, ele é um personagem circunscrito nas possibilidades interpretativas também do seu povo. Konings (1999, p.71) chamava atenção ao fato de que a bíblia é releitura interpretativa e que embora haja rupturas, ela traz consigo uma certa continuidade.

Também Casalegno (2003, p. 103) corrobora com essa hipótese de que Jesus não é um inovador *ipso facto* em relação à sua tradição, o fato de Jesus entrar na sinagoga, ler o texto,

participar da liturgia hebraica mostra essa contingência hermenêutica dele e como ele recebe e reinterpreta isso.

Assim, a hipótese de que Jesus é um inovador na leitura do que lhe chegou por meio do *talmidin*, desconsidera o fato de que ele estava circunscrito a um *modus* hermenêutico contingente, como se não houvesse anteriormente, como mostrar-se-á a seguir, já nos escritos do chamado profeta do destino, a revelação do ágape-buscante.

2.1 TEOLOGIA OSEIANA

A profecia de Oseias acontece em um momento delicado da história do povo israelita. Segundo Jaldemir Vitorio:

A passagem da vida nômade à vida sedentária abalou a religião de Israel. Nas origens da fé estava a experiência de contínuas caminhadas, sendo Javé um Deus de pastores. A vida pastoril dispensa a construção de lugares de culto e todo tipo de atividades que possam atrelar o povo a um lugar, como é o caso da agricultura. A liderança se exerce no interior dos grupos e das famílias, sem a figura de uma autoridade comum como era o caso do rei (VITÓRIO, 2016, p.53).

Com a vida sedentária os israelitas passaram a ter um contato maior com a terra, começaram a trabalhar com a produção agrícola e estabeleceram atividades que se ligavam diretamente a uma porção específica do território. Ou seja, começaram a incrementar ao pastoreio o manuseio da terra. E isso, é claro, trouxe consigo a questão, por exemplo, do ciclo da natureza e da fertilidade do solo. Anteriormente eles eram acostumados a recorrer a YHWH para que abençoasse seus rebanhos, mas como ficaria a questão de agora em diante? Será que o mesmo Deus resolveria problemas diferentes ou seria necessário o recurso a outra divindade?

O contato com a religião dos cananeus, em cujas terras se instalaram, ofereceu-lhes uma solução. O Deus Baal era, exatamente, um Deus da natureza e o culto que lhe era prestado tinha a finalidade de garantir a fertilidade do solo e, por consequência, a fertilidade do rebanho, a fartura e o bem-estar (VITÓRIO, 2016, p.53).

Os israelitas começaram, assim, a recorrerem a uma segunda via. Quando eram demandas relativas à realidade da vida pastoril recorria-se a YHWH, mas quando eram situações relativas a nova realidade sedentária, concernente ao cultivo da terra, buscava-se a Baal. É nesta perspectiva que YHWH afirma pela boca do profeta: “meu povo consulta o seu pedaço de madeira, e o seu bastão faz-lhe revelações; porque um espírito de prostituição os desviou, eles se prostituíram, afastando-se seu Deus” (Os 4,12).

Deus está ciente e percebe o afastamento de seu povo. Percebe que eles estão procurando um falso ídolo e rompendo a aliança que seus pais já haviam estabelecido. Em perspectiva de uma teologia da retribuição, o rompimento da aliança significaria uma punição advinda da parte de Deus. Por ter estabelecido ligação com outro Deus, por ter idolatrado um outro ídolo e esquecido a YHWH, o povo israelita, falando em termos da aliança rompida, merecia e estava sujeito a uma punição advinda da parte de Deus. Haja vista que eles romperam a aliança e não estavam prestando culto único a YHWH, mas trazendo para o seio da comunidade Baal.

A profecia de Oseias é, justamente, a denúncia dessa vida dupla e do rompimento da aliança por parte do povo israelita. O culto a Baal era gerador de um modo de vida diferente daquele que era nascido da relação com YHWH. Ao contrário de uma sociedade construída tendo como base sua história e memória, estava se formando relações, somente, baseadas na terra; gerando, nessa perspectiva, uma desvinculação histórica. O povo estava sendo desvinculado de sua história e de todo o caminho percorrido para que pudesse estar ali. Chegando ao ponto de esquecer qual fora o Deus que os havia libertado da escravidão do Egito, auxiliado na travessia do deserto e possibilitado a conquista e posse da sonhada terra prometida. Assim, segundo o profeta, “a infidelidade atingira tal nível a ponto de exigir uma intervenção corretiva de YHWH” (VITÓRIO, 2016, p.65). Até mesmos os sacerdotes entraram na lógica da prostituição e do culto a Baal. E YHWH, vendo tudo o que estava acontecendo, afirma, pela boca do profeta, que “meu povo será destruído por falta de conhecimento. Porque tu rejeitaste o conhecimento, eu te rejeitarei do meu sacerdócio, porque esqueceste o ensinamento de teu Deus, eu também me esquecerei dos teus filhos” (Os 4,6). Assim o profeta é arauto da condenação divina e considera que é justo que o povo pague pela desobediência que é fruto de suas próprias mãos.

Como ao povo, assim acontecerá ao sacerdote: eu o castigarei por seu procedimento e farei recair sobre ele as suas obras. Comerão, mas não ficarão saciados, prostituir-se-ão, mas não se multiplicarão, porque abandonaram a YHWH para se entregarem à prostituição (Os 4, 9).

O profeta Oseias era um javista fiel e convicto, ou seja, tinha uma interpretação da realidade baseada nas lentes de uma teologia da retribuição, segundo a qual, todo aquele que, transgredindo a aliança, incorrera na idolatria, cometera pecados e se transviara do caminho correto a ser seguido, era justo que recebesse uma punição da parte de YHWH.

É por isso que no início de seu livro sua denúncia era tão incisiva e manifestava o castigo e a resposta que o povo deveria receber da parte de YHWH. Contudo, sua experiência matrimonial o levou a uma mudança de leitura acerca da relação entre YHWH e seu povo.

O atribulado casamento de Oseias tem consequências inesperadas. Provoca-lhe uma conversão teológica, levando-o a pensar Deus de forma muito diferente. A relação conturbada com sua esposa torna-

-se referência para pensar a relação de Javé com Israel (VITÓRIO, 2016, p.57).

2.2 TEOLOGIA DA MISERICÓRDIA

A sua história mostra essa conversão teológica. O profeta interpreta que recebera de YHWH a tarefa de tomar para si uma mulher que se entrega à prostituição. Então ele vai e casa-se com a prostituta Gomer e com ela tem três filhos. Os nomes dados aos frutos daquela união são significativos porque simbolizam a ruptura do povo israelita da aliança estabelecida com YHWH. O nome do primeiro filho era Jezrael, que significa Deus semeará – “recordando uma matança de outrora a ser vingada por YHWH” (ELOY E SILVA, 2016, p.57), o segundo era Lo-Ruhamah, que significa não amada, reforçando a decisão de que Israel não será perdoada, e o terceiro era Lo-Ammi, que significa, não meu povo, indicando a ruptura da aliança estabelecida.

Contudo seu casamento é marcado por ida e vindas. “O javismo convicto de Oseias foi insuficiente para trazer Gomer à fé do marido. Ela continuou a vida de antes” (VITÓRIO, 2016, p.58). Apesar de sua esposa não ser fiel e não o respeitar como marido, ele ainda a amava e desejava que ela permanecesse ao seu lado. Tanto era verdadeiro seu amor para com ela que, mesmo depois de muitas traições, ele ainda novamente a desposou como sendo sua esposa. Destarte, sua experiência matrimonial o levou a mudar sua imagem de Deus. Porque ele percebeu que, assim como ele ainda amava e estava disposto a perdoar todas as infidelidades de sua esposa, YHWH, também, sempre está disposto a amar e perdoar todas as faltas cometidas pelo seu povo.

Assim, a teologia da misericórdia é resultante dessa experiência. Ou seja, “a misericórdia de YHWH se mantém inalterada, apesar das infidelidades de Israel, por ser um Deus que ama o pecador e se recusa a castigá-lo” (VITÓRIO, 2016, p.59). Desse modo, Oseias, deixando de lado a visão de uma teologia da retribuição alcança, através de sua experiência matrimonial, a percepção de que Deus é sobretudo amor e misericórdia.

É nessa perspectiva que uma leitura teológica da história de Israel é feita na passagem de Oseias 11,1-9. Rompendo com a lógica de uma teologia da retribuição, é apresentada, pelo profeta, a imagem de um Deus misericordioso. Apesar de seus grandes feitos em favor de seu povo escolhido, “quando Israel era menino eu o amei e do Egito chamei meu filho” (Os 11,1), não serem lembrados por Israel, “mas quanto mais os chamavam, tanto mais eles se afastavam de mim” (Os 11,2), mesmo seu povo cometendo injustiças várias e não cumprindo seus mandamentos e ensinamentos, “eles sacrificavam aos baais e queimavam incenso aos ídolos” (Os 11,2), Ele continua a manifestar seu amor e a estar pronto a perdoar suas faltas, “meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se” (Os 11,8), pois “eu sou Deus e não homem, eu sou santo no meio de ti” (Os 11,9). Frente ao amor gratuito de Deus, o povo responde com ingratidão, mas YHWH continua a oferecer seu amor e misericórdia. A

ação divina indo na contramão do esperado e da lógica do toma lá dá cá, revela um Deus que é amor, um Deus que é santo no meio do povo e que santifica aqueles que estão ao seu lado.

3 OSEIAS-LUCAS

Semelhante a esse agir compassivo de YHWH, a imagem de Deus apresentada por Jesus no capítulo 15 de Lucas é a de um Deus que, rompendo com a lógica da teologia da retribuição, não baliza seu amor e seu perdão segundo o bem ou mal que cada um fez ou deixou de fazer, mas que, independentemente de tudo, continua a amar e perdoar.

Diante do filho mais novo que pede sua herança, declara a morte do pai e gasta de forma desordenada toda a parte que lhe coubera, tem-se a figura paterna que “viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos” (Lc 15,20). O abraço é simbólico e quebra a lógica de um agir retributivo. Diante do filho que pede o perdão ao pai, o pedido de que “ide depressa, trazei a melhor túnica e revesti-o com ela” (Lc 15,22); diante da miséria de uma vida libertina o imperativo “ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés” (Lc 15,22); diante da fome que leva o filho a colocar a cara junto da comida que os corpos comiam, a afirmativa “trazei o novilho cevado e matai-o” (Lc 15,23); diante da mísera condição, a festa, “comamos e festejemos, pois este meu filho estava morto e tornou a viver, estava perdido e foi encontrado” (Lc 15,23-24).

Diante do filho mais velho que permanecera sempre na casa paterna e estava sempre ao lado do pai e mesmo assim não fora capaz de compreender quem de fato era seu pai, a lógica invertida do Pai que é quem gasta tudo (KELLER, 2018, p. 31), que não conta com os méritos e deméritos, a ação divina indo na contramão da lógica do toma lá dá cá “filho tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu” (Lc 15,31).

Ou seja, um Deus que mesmo frente à infidelidade de seu povo e a quebra da aliança ainda é capaz de oferecer seu amor e compaixão. A prostituição, a vida fora e dentro de casa não são o peso para o Deus de Oseias e o Deus de Jesus apresentado na narrativa lucana. YHWH não se assusta com a prostituição dos seus e nem com sua infidelidade, pois sua atitude é, justamente, a de uma *ágape buscante*. A lógica, já perceptível em Oseias, é a de um Deus que é capaz de perdoar àquele que se distancia da aliança estabelecida e se encontra fora de casa. Não se tratando mais do mecanismo de uma teologia da retribuição, mas, muito pelo contrário, do dinamismo de um amor que é insistente e buscante. Um amor que sente com e se coloca no movimento de se aproximar para salvar. É nesse sentido que Sicre Díaz afirma que:

A mensagem de Oseias tem algo de desconcertante. Nossa lógica religiosa segue os seguintes passos: pecado-conversão-perdão. A grande novidade de Oseias, o que o situa num plano diferente e o transforma em precursor do Novo Testamento, é que ele inverte a ordem: o perdão antecede a conversão. Deus perdoa antes que o povo se converta, mesmo que se tenha convertido [...]. Isto não significa que a conver-

são seja desnecessária. Mas que ela se produz como resposta ao amor de Deus e não como condição prévia para o perdão. (2016, p. 185).

Nesse sentido, a novidade da teologia de Oseias é justamente a de apresentar, já nos escritos veterotestamentários, o rosto de um Deus compassivo, isto é, a mensagem de Oseias desafia a lógica religiosa convencional ao inverter a sequência tradicional de *pecado-conversão-perdão*.

Ao destacar que o perdão divino precede a conversão, Oseias introduz uma perspectiva inovadora que o coloca como precursor do Novo Testamento. Essa inversão sugere uma compreensão mais profunda do amor divino, enfatizando que a conversão é uma resposta ao perdão gracioso de Deus e não, uma condição prévia para alcançar o perdão. Essa abordagem questiona e subverte as expectativas, convidando a uma reflexão mais cuidadosa sobre a natureza da relação entre o humano e o divino.

CONCLUSÃO

Dentro da dinâmica de qualquer relação existe o movimento de ver e perceber o outro. A percepção errônea de quem ele seja, torna difícil, para não afirmar impossível, qualquer desenvolvimento relacional. É assim, por exemplo, que a fraternidade, na parábola do filho pródigo, entre o filho mais velho e o filho mais novo não se estabelece por completo. Faltou a cada um deles uma percepção e compreensão verdadeira da figura paterna. O profeta Oseias, após viver uma turbulenta experiência matrimonial, consegue identificar nas ações de YHWH um agir compassivo e que não está preso na lógica de uma retribuição. É assim também o Deus apresentado por Jesus. Ele age por amor. Seu agir é compassivo e ao acolher novamente em casa o filho que andava longe não questiona ou cobra nada. Simplesmente comemora seu retorno.

O Deus do Antigo Testamento é, nesse sentido, o mesmo Deus apresentado por Jesus e presente nos demais escritos veterotestamentários. Não existem dissonâncias, mas, muito pelo contrário, uma comunhão. Jesus não deixa de lado YHWH e apresenta uma nova divindade. Ele simplesmente ajuda com que cada um perceba quem YHWH é de fato. Para que aqueles aspectos de seu agir, como a compaixão, não fossem identificados somente por alguns do povo eleito, mas por todos.

Compreender essa dinâmica hermenêutica é jogar luz no próprio agir da comunidade cristã. Infelizmente, na atualidade, muitos fiéis ainda incorrem na compreensão errônea e equivocada que dissocia o Deus do Antigo Testamento, considerado punitivo e vingativo, do Deus do Novo Testamento, considerado compassivo e capaz de perdoar. Impossibilitando o estabelecimento de uma verdadeira relação de fraternidade no seio da comunidade. A partir do momento que os fiéis, via Jesus, vierem a compreender quem de fato Deus é, poder-se-á relacionar com o outro tratando-o como irmão. Mas, enquanto isso não acontecer, corre-se o risco de continuar a relacionar-se com o outro tratando-o, apenas, como filho de Deus e não como meu irmão.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003

CASALEGNO, Alberto. *Lucas: a caminho com Jesus Missionário*. São Paulo, Edições Loyola, 2003.

ELOY E SILVA, Luís Henrique. *Misericordiae Gaudium*: quando os ombros e as mãos fazem-se braço no abraço – por uma releitura da unidade do tríptico de Lc 15. *Revista de Cultura Teológica*, n. 88, p.273-294, 2016.

GOURGES, Michel. *As parábolas de Lucas: do contexto às ressonâncias*. São Paulo: Loyola, 2005.

KELLER, Timothy. *O Deus pródigo: recuperando a essência da fé cristã*. Tradução de Robinson Malkones. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KONINGS, Johan. *A palavra se fez livro*. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

SICRE DÍAZ, José Luis. *Introdução ao profetismo bíblico*. Petrópolis: Vozes, 2016.

VITÓRIO, Jaldemir. “Israel era menino, eu o amei” (Os 11,1) – o coração de Deus em busca do pecador, no profeta Oseias. Itaici – Revista de Espiritualidade Inaciana 21, 2016, n.103, p.51-53.